



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

A MATERIALIZAÇÃO DA LÍNGUA NOS SUPORTES VIRTUAIS DE GÊNEROS: UM ESTUDO DO INSTAGRAM

Marina Martins Pinchemel Amorim
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil
Endereço eletrônico: marinapinchemel@gmail.com

Márcia Helena de Melo Pereira
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil
Endereço eletrônico: marciahelenad@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

O interesse da comunidade acadêmica pelos gêneros do discurso que emergem pelas mídias digitais têm crescido tanto quanto o avanço das tecnologias de informação, as quais têm proporcionado o surgimento de novas formas de interação de caráter flexível e semiótico. Mikhail Bakhtin, no final da década de 1920, já afirmava a respeito do caráter social da linguagem, que torna a comunicação sociológica passível de modificações a depender da época em que ela ocorra, pois, a palavra é formada pelo “horizonte social” (BAKHTIN, 2006, p.42-43). Essa concepção da língua como organismo vivo a partir do momento em que é enunciada nos conduz a refletir a respeito das formas de interação que mudam através do tempo. Afinal, segundo o filósofo russo, linguagem e interação são da ordem do sócio-histórico. Toda língua possui um passado, mas, a partir do momento em que ela se realiza, é atualizada.

Assim como a língua, os gêneros do discurso, que são tipos relativamente estáveis de enunciados – e assim, a materialização da língua por meio da interação –, são constantemente atualizados. Estes são (re)criados a todo momento e o hipertexto, na contemporaneidade, tem papel fundamental nessa emersão, visto que, a partir das plataformas digitais surgem gêneros que propiciam novas formas de enunciar.

Com a eclosão dos gêneros da vida cotidiana, há o surgimento de novos suportes. Na concepção de Marcuschi (2008), o suporte de gênero pode ser físico ou virtual, tem formato específico para abrigar um gênero (ou um conjunto deles) e serve para fixar e mostrar um texto. Os suportes são fundamentais para a circulação dos gêneros na sociedade e, conseqüentemente, na construção de distopias linguísticas.



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

Nessa perspectiva, buscamos investigar as formas de construção da língua na atualidade, ilustrando com postagens de Instagram (rede social que consideramos gênero discursivo), em comparação com o jornal físico, um suporte mais canônico, no intuito de demonstrar o alcance da materialização da língua no suporte em papel e o alcance nos suportes digitais.

METODOLOGIA

Nosso *corpus* é composto por um artigo de opinião do ano de 1917 e duas postagens de perfis do aplicativo Instagram, elencados a seguir: (i) artigo “Paranoia ou mistificação?”, escrito por Monteiro Lobato, em 1917; (ii) postagem do perfil pessoal de uma artista; (iii) postagem do perfil de um autor e empreendedor. Analisamos e cotejamos os objetos para apurar as formas de propagação de ideologia e opiniões em distintos suportes e épocas.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Iniciemos nossa discussão com o exemplo do artigo de opinião “Paranoia ou mistificação?”, escrito por Monteiro Lobato, em 1917, originalmente publicado no jornal impresso “O Estado de S. Paulo”, com o título “A propósito da exposição Malfatti”. No texto, o consagrado autor tece uma crítica voraz à exposição de quadros da pintora brasileira Anita Malfatti, ocorrida no mesmo ano, que foi inspirada pelos ideais da vanguarda expressionista, em evidência na Europa no início do século XX. Perplexo com a arte moderna que rompia com os ideais clássicos de pintura, no tocante, por exemplo, à despreocupação com a forma e a proporção, o escritor brasileiro redigiu um artigo de opinião representando o que pensava boa parte dos críticos da época: que a pintura de Malfatti era uma caricatura, fruto de “teorias efêmeras, sob a sugestão estrábica de escolas rebeldes” (LOBATO, 1917, p.1) .

O segundo objeto de nosso *corpus* é uma postagem datada de 2019, feita pela influenciadora digital e atriz Kéfera (Camila Mendes), que se tornou famosa pelas redes sociais e atualmente faz trabalhos na televisão e cinema. Na publicação analisada, ela escreve sobre seu novo filme “Eu sou mais eu” e aparece em uma foto de rosto. Vejamos:

Figura 1: Publicação 1 – Kéfera



Fonte: Instagram Kéfera. Disponível em:

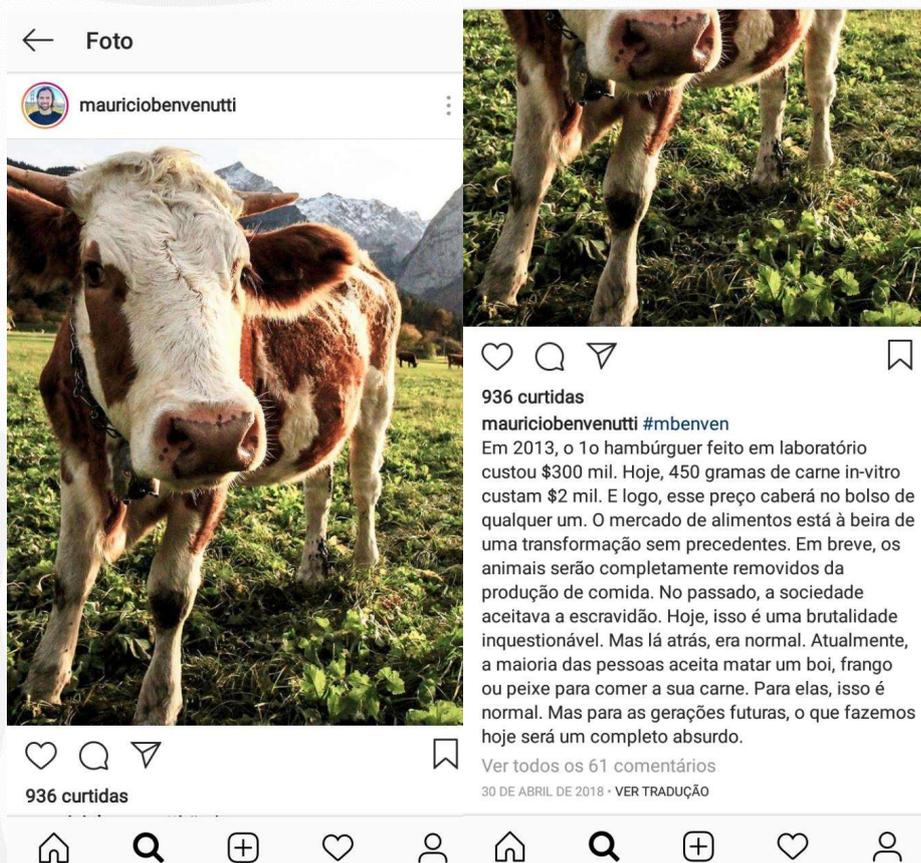
https://www.instagram.com/p/Bs6uQ9oHw20/?utm_source=ig_share_sheet&igshid=1wst8bw8a2t3. Acesso em 01 fev. 2019.

No caso da publicação exposta na Figura 1, a usuária marcou o local da foto, “Salvador, Bahia, Brasil”. Em seguida, o texto: “surreal esse pôr do sol na selfie/obrigada pela pré-estreia lotada de hoje, Salvador! olha a galera nos stories. OBRIGADA! FALTAM 3 DIAS LANÇAR EU SOU MAIS EU em todo Brasil!”. Além de fazer um agradecimento ao público que compareceu ao evento citado por ela, a postagem funciona como uma divulgação/propaganda do novo filme da artista, como vemos na oração final. A atriz utiliza, no texto, alguns caracteres disponíveis no teclado do celular, chamados de *emojis*, típicos da escrita em “internetês”. Além disso, percebemos um desvio com relação à norma padrão da língua no tocante à pontuação, ao uso de letras maiúsculas e minúsculas e à supressão de alguns termos, aspectos que lembram a oralidade.

Já na segunda postagem, publicada em 2018, temos um texto de Maurício Benvenuto, autor e empreendedor gaúcho, cujas publicações tratam, em geral, dos seus

livros, de palestras e empreendedorismo. Na publicação que selecionamos, Benvenutti publicou a respeito do consumo de carne in-vitro.

Figura 2: Publicação 2 – Maurício Benvenutti



Fonte: Instagram Maurício Benvenutti.

Disponível em: https://www.instagram.com/p/BiNjxdEhNR6/?utm_source=ig_share_sheet&igshid=904oz3t23akm. Acesso em 01 fev. 2019.

A legenda da foto publicada apresenta uma *hashtag* (maneira de rotular as postagens para fácil busca) com uma abreviação do nome do usuário, em seguida o texto, a respeito da técnica de carne in-vitro para que os animais não sejam mortos para produção de comida e como isso, para as gerações futuras, pode ser um absurdo tanto quanto a escravidão é para nós hoje. O usuário faz uma espécie de carta de opinião acerca do tema dentro da publicação. Em relação à publicação anteriormente vista (Figura 1), a postagem de Benvenutti está mais formal, carregada de ideologia, ainda que o texto tenha sido publicado em uma rede social informal. Ele não utiliza *emojis* e a linguagem é mais próxima à norma culta, características do gênero carta de opinião.



O perfil de Benvenuti favorece essa formalidade: como já dito, trata-se de um empreendedor, palestrante, autor de vários livros e que utiliza sua rede social para difundir seu trabalho e fazer parcerias com empresas. A postagem apresentada tem caráter mais formal do que a publicação de Kéfera, justificando as divergências entre gênero, linguagem e recursos utilizados por ambos usuários. Esta diferença demonstra como o Instagram é flexível, pois abarca tanto gêneros mais formais quanto informais a depender do propósito do usuário.

Ao compararmos o artigo de opinião e as publicações de Instagram, percebemos que todos os textos cumprem a função de disseminar a opinião de seus autores, ainda que os suportes sejam diferentes. No jornal impresso, vimos um enunciador tecer uma crítica a uma exposição artística; na Postagem 1 do Instagram, temos um agradecimento e divulgação de filme; já na Postagem 2, lemos uma crítica ao mercado de alimentos. Portanto, mesmo com o passar dos anos e as mudanças na tecnologia –e, logo, mudanças nas formas de leitura e escrita–, o papel da língua é essencial na propagação de ideologias, na interação e, por conseguinte, na construção de distopias.

CONCLUSÕES

Coma breve análise apresentada, compreendemos que, apesar de as mudanças sofridas pela língua (e, em consequência, pelos gêneros e suportes), esta permanece como instrumento central na constituição de distopias. Mediante os gêneros apresentados e as discussões levantadas, foi possível comprovar o que é postulado por Bakhtin (2003, p.301): “o enunciado não está ligado apenas aos elos precedentes, mas também aos subsequentes da comunicação discursiva”. Além de estar ligada aos discursos já passados, a língua também suscita enunciados que virão.

PALAVRAS-CHAVE: Gêneros do Discurso; Instagram; Suporte; Distopia.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12aed. São Paulo: Hucitec, 2006.



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

LOBATO, M. Paranoia ou Mistificação. In: **Folha de S. Paulo**. 1917. Disponível em: <http://arterodrigo.yolasite.com/resources/PARAN%C3%93IA%20OU%20MISTIFICA%C3%87%C3%83O.pdf> Acesso em 22 abr. 2019.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.



DISTOPIA, BARBÁRIE E CONTRAOFENSIVAS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO